

# A PESQUISA HISTÓRICA: ENTRE A TEORIA E AS FONTES

VITÓRIA COMIRAN<sup>1</sup>



## Resumo

Entendendo a importância da pesquisa histórica no meio acadêmico torna-se necessário compreender de que forma esta ocorre e quais são os passos a serem seguidos durante sua elaboração, tanto no que diz respeito à teoria, metodologia quanto à análise das fontes. Deste modo, este artigo busca discutir o papel dos Arquivos Históricos no processo de constituição das pesquisas, como local de armazenamento das fontes históricas, assim como seu papel como patrimônios documentais. Para a realização do artigo, assim, utiliza-se a revisão bibliográfica de autores que tratam sobre esta temática, pretendendo, com isso, após a discussão principal, demonstrar alguns exemplos relacionados à pesquisa em Arquivos Históricos.

**Palavras-chave:** Pesquisa histórica. Fontes. Patrimônios Documentais.

## Abstract

Understanding the importance of historical research in the academic environment, it is necessary to understand how it occurs and what are the steps to be followed during the elaboration, both in terms of theory and methodology of source analysis. In this way, this article seeks to discuss the role of Historical Archives in the process of constituting research, as a place for storing historical sources, as well as their role as documentary heritage. To carry out the article, therefore, use a bibliographic review of authors dealing with this theme, intending, with that, after the main discussion, showing some examples related to research in Historical Archives.

**Keywords:** Historical research. Sources. Documentary Heritage.

## Introdução

Na área de História o debate teórico-metodológico é a base pela qual se desenvolve e fundamentam-se perguntas, questionamentos, hipóteses, assim como o caminho principal delimitado pelo historiador para seguir ao longo da pesquisa.

Assim, desenvolver leituras que sustentam o trabalho, a partir de um bom referencial teórico é, sem dúvidas, uma das principais questões a serem potencializadas em um trabalho histórico, pois como um historiador produz uma pesquisa sem discutir, a partir da teoria, as questões fundamentais de seu estudo?

Deste modo, este artigo pretende discutir, a partir do referencial de alguns autores como José Carlos Reis, Sabina Loriga e Wilhelm von Humboldt, as questões teórico-metodológicas da pesquisa histórica, assim como debater a importância da análise e do

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Passo Fundo (UPF). E-mail: [vicomiran@gmail.com](mailto:vicomiran@gmail.com).



uso das fontes no trabalho do historiador. Desde o processo do documento presente no Arquivo Histórico até a sua seleção para transformar-se em fonte e ser utilizado na pesquisa histórica, compreendendo, assim, a importância do espaço de armazenamento e produção do conhecimento que são os casos dos Arquivos como patrimônios documentais.

### **O Historiador e seu trabalho metodológico**

Para a realização da pesquisa histórica torna-se necessário, primeiramente, a delimitação de um tema de estudo, seu problema, hipóteses, assim como aplicar uma metodologia baseada nas teorias apropriadas à área da História em que o tema de pesquisa se encontra. No entanto, a utilização de uma metodologia adequada no trabalho do historiador depende, sobretudo, de qual fonte ele utiliza em sua pesquisa. Cada fonte presente em uma pesquisa histórica demanda de uma metodologia que sirva de alento para a leitura e interpretação daquilo que o material tem a responder. Assim, a delimitação destes processos serve para depreender em que âmbito da História o pesquisador está se movendo, a partir da teoria utilizada, ao mesmo tempo em que se efetua um dos principais trabalhos do historiador, a análise das fontes.

De acordo com José Carlos Reis no texto “O Lugar da Teoria-Metodologia na Cultura Histórica” compreende-se a necessidade por parte do historiador de ter sua fundamentação teórica ao longo de uma pesquisa histórica. Para o autor há a indispensabilidade de uma crítica-histórica, ou seja, “O historiador deve assumir uma “atitude crítica”, que reúne credulidade e ceticismo.” (REIS, 2011, p. 6).

O que José Carlos Reis evidencia é que para a realização de uma pesquisa o historiador deve olhar para suas fontes com um olhar crítico, com perguntas e com hipóteses, longe dos vínculos de uma história empirista que se agarrava aos fatos, buscando sempre uma “verdade” histórica, única. Assim, os documentos não dizem por si, mas respondem aquilo que o historiador pergunta.

A partir da delimitação de um problema de pesquisa, compreendendo e selecionando quais fontes serão utilizadas, o processo seguinte é a formulação de hipóteses, que são perguntas previamente elaboradas que orientam a leitura e a interpretação das fontes, como descreve Reis:

A questão e a hipótese constituem a fonte, ou melhor, elas transformam a fonte em “prova”. Assim, o que pode ser provado não é o “evento tal como se passou”, mas a hipótese que o representa. Como problema e hipótese, a

historiografia torna-se uma subjetividade em busca de informações sobre a experiência vivida. (REIS, 2011, p. 8).

Destarte, deve-se ir até as fontes com o problema, pergunta fundamental da pesquisa, e hipótese, desenvolvidas, interpretando aquilo que a fonte revela. O pesquisador não deve limitar-se ao que a fonte deve responder, e, assim, no andamento da pesquisa pode surgir à possibilidade de mudar as perguntas e hipóteses a partir daquilo revelado pelas fontes.

A pesquisadora Sabina Loriga auxilia na compreensão sobre a pesquisa histórica e como o historiador deve se relacionar com a mesma. A principal questão levantada na obra "O Eu do Historiador" é se o pesquisador deve, ou não, se relacionar diretamente com a pesquisa e projetar sua vivência com o presente em seu estudo histórico, ou seja, o que a autora questiona é se "É possível separar-nos do presente para apreendermos o passado, na sua alteridade, ou estamos sempre projetando sobre o passado os nossos próprios fantasmas, interesses e preconceitos?" (LORIGA, 2012, p. 248). Esta é, sem dúvidas, uma importante questão que o pesquisador deve refletir ao longo da formulação de seu estudo.

Utilizar uma teoria adequada ao seu problema de pesquisa, desenvolver uma metodologia que corresponda à necessidade de seu problema e hipóteses, ir com as perguntas à fonte não são as únicas responsabilidades do historiador. Deve-se ter, sobretudo, o cuidado com o que se leva até a pesquisa, e, também, o modo como se conduz. Muitas vezes as questões atuais não cumprem sua função no tempo e espaço histórico que se pesquisa e, assim, pode correr o risco de cometer graves erros, como o anacronismo, por exemplo.

Pode-se entender o modo como o historiador conduz sua pesquisa quando se percebe a conduta que a autora divide, ao longo do seu texto, os historiadores. Estes em cronistas e artistas. O primeiro é aquele que se encontra distante e à parte durante sua pesquisa, já o segundo "[...] acrescenta-se um pouco de si." (LORIGA, 2012, p. 248). Pode-se interpretar aqui a questão da imparcialidade e neutralidade durante o estudo histórico, mas o quanto a imparcialidade é necessária ou apropriada durante a elaboração de uma pesquisa?

A atitude de distanciamento do presente é muitas vezes criticada, pois o que circunda e está vigente no cotidiano pode interferir no modo com que a leitura sobre o passado e a interpretação das fontes é desenvolvida. Pode-se compreender esta situação a partir do que expõe a autora:





O passado é concebido como um espelho capaz de refletir apenas os traços daquele que nele se olha, mas os traços daquele que se olha não têm nada de pessoal. O pesquisador não é nada além do produto de suas inscrições sociais: classe social, área cultural, gênero etc. (LORIGA, 2012, p. 253).

Compreende-se, assim, com a visão da impossibilidade de tratar a pesquisa histórica de modo objetivo, pois os caminhos suscetíveis ao longo do estudo são norteados pelas próprias dúvidas e hipóteses do pesquisador, sujeitos com subjetividade e que formulam suas perguntas baseadas, como citado pela autora, nas suas “inscrições sociais” (LORIGA, 2012, p. 253). Consequentemente, as fontes não dizem nada por si mesmas, mas a partir do olhar e das perguntas que se leva até ela, por essa razão a incapacidade de se distanciar completamente da pesquisa.

Visto, portanto, como se torna necessária a teoria e a metodologia para a História, assim como a escrita e a sua questão subjetiva, entrelaça-se estas duas questões discutidas com a obra do autor Wilhelm von Humboldt, “Sobre a Tarefa do Historiador” palestra de 1821 transformada em texto e presente na obra “A História Pensada” organizada pelo pesquisador Estevão de Rezende Martins, que ampara com ambas discussões já realizadas e elucida, de modo mais amplo, o trabalho do historiador ao longo de sua pesquisa.

O texto “Sobre a Tarefa do Historiador” discute, sobretudo, a responsabilidade de representação do passado e como esta deve ser feita pelo pesquisador. Assim, o autor expõe que:

a verdade histórica pode ser equiparada às nuvens, que somente ganham forma a distância dos olhos. Pelo mesmo motivo, os fatos da história, em suas singularidades e circunstâncias intrincadas, e por serem verossímeis em si e se adequarem bem ao todo em que se inserem, são pouco mais que o resultado da tradição da pesquisa, cuja veracidade simplesmente se aceita (HUMBOLDT, 1821, p. 83, apud, MARTINS, 2015, p. 83).

Podem-se analisar neste trecho duas questões, primeiramente os fatos da história, em que a criatividade do pesquisador o leva até estes fatos com suas próprias inquietações, assim, para ele “[...] o historiador é autônomo, e até mesmo criativo.” (HUMBOLDT, 1821, p. 83, apud, MARTINS, 2015, p. 83), e a tradição da pesquisa, que leva o historiador à prática da escrita e de registro destes acontecimentos da História.

Compreende-se aqui a questão referente aos fatos da História, com os fragmentos das fontes que revelam para além, muitas vezes, das próprias perguntas do pesquisador, e com a conciliação destes fragmentos para a constituição da pesquisa. Aqui se une a visão de Humboldt, a do historiador ligado ao poeta, que lida com os elementos para



formar o todo, utilizando a criatividade, mas sem deixar de lado a ação de criticar a fonte.

Para o autor:

Para aproximar-se da verdade histórica, dois caminhos precisam ser simultaneamente percorridos. Primeiramente, tem-se a fundamentação crítica, exata e imparcial dos acontecimentos; em um segundo momento há de articular os resultados da pesquisa e intuir o que não fora alcançado no primeiro meio. Aquele que segue somente o primeiro caminho ignora a essência da própria história, e quando despreza corre o risco de falsificar as particularidades. [...] Mesmo na história nenhuma especificidade pode ser encontrada através do segundo caminho. Apropriando-se da forma de todos os acontecimentos, o espírito deve limitar-se a compreender melhor o material investigado na realidade, fazendo com que os acontecimentos se reconheçam melhor nele do que seria possível, por meio da mera operação do entendimento. Tudo depende da assimilação da força de investigação do objeto pesquisado. A tarefa do historiador terá tanto mais se aproximado da perfeição quanto mais profunda for, através do engenho e do estudo, a sua compreensão da humanidade e de suas ações [...] (HUMBOLDT, 1821, p. 84-85, apud, MARTINS, 2015, p. 84-85).

Como define na citação acima a tarefa do historiador, para ser perfeita, deve, principalmente, ser crítica e profunda. Utilizar os fragmentos das suas fontes para a constituição de um todo ocorre a partir da intenção e força que se dá durante todo o processo de pesquisa histórica.

### **As Fontes e o Patrimônio Documental**

Para iniciar o processo da pesquisa histórica a escolha das fontes se torna fundamental. A seleção ocorre, muitas vezes, a partir do que se tem disponível no local de pesquisa, este podendo ser um Arquivo, por exemplo.

Os Arquivos, segundo Duranti, no texto “Registros documentais contemporâneos como provas de ação” representam “[...] os arsenais da administração, do direito, da história, da cultura e da informação.” (DURANTI, 1994, p.50). Os Arquivos Históricos têm à disposição do historiador diferentes acervos documentais que proporcionam um amplo instrumento de pesquisa. Nestes locais de armazenamento de documentos diferentes são os acessos disponíveis à informação que o pesquisador possui.

Os Arquivos são importantes espaços do patrimônio documental, pois refletem e constituem a memória de um grupo ou sociedade. Estes registros são materializações do conhecimento que, sendo inscrições através do tempo, servem como fontes de pesquisa nos mais diferentes âmbitos e aspectos do estudo histórico, como se pode observar:

O arquivo, nessa compreensão, adquire uma nova postura, não apenas de guardião da memória, mas, sobretudo, como um espaço de referência da

produção do conhecimento, que incita a efervescência da informação de maneira dinâmica e atualizada. (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 57).

A documentação presente em Arquivos Históricos é, além da materialização do conhecimento e de registros de uma época, a memória quanto monumento. De acordo com Le Goff (1996) os monumentos podem ser compreendidos como aquilo herdado do passado, o conhecimento registrado. A partir de um amplo acervo dos monumentos herdados do passado o historiador possui, assim, profusa área de estudo e estes monumentos tornam-se fontes a partir da escolha e da seleção realizada pelo historiador durante sua pesquisa.

Os documentos utilizados pelo pesquisador são importantes quando compreendidos como registros que, além da interpretação do passado, podem designar respostas para questões vigentes no presente. Assim, ao serem selecionados entre um leque de possibilidades presentes no Arquivo os documentos tornam-se fontes pelas quais através da lente do historiador ele analisa o passado.

Assim, para transformar os documentos presentes nos Arquivos em fontes históricas torna-se necessário construir o tempo histórico. Este, segundo Reis (1996), é a elaboração de um terceiro tempo, formado na intercadência do tempo físico e o tempo da consciência.

O terceiro tempo ao se relacionar com o tempo físico – natural e contínuo – e o tempo da consciência – das mudanças humanas e descontínuo – busca exteriorizar as mudanças, rupturas e movimentos que ocorreram no processo histórico analisado nas fontes.

Assim, o trabalho do historiador no intermeio do terceiro tempo é reportar as mudanças do seu tema, a movimentação das ações humanas, inquietações. Destarte, mostra-se importante as perguntas e hipóteses demonstradas anteriormente ao longo do texto. Sem essas as fontes são apenas registros do passado humano.

A notável crítica às fontes ocorreu com veemência durante os séculos XIX e XX através da cientificidade pelo qual a História passou, diferenciando-se da história quanto fato. O processo metodológico e científico necessário para o estudo da História pode ser compreendido a partir do que José D’Assunção Barros descreve que:

a História dedica-se a estudar a própria história. Não raro esta coincidência entre o nome de uma disciplina e a designação de seu próprio objeto de estudos produz ambiguidades, razão pela qual frequentemente a História – enquanto campo de conhecimento ou prática disciplinar – costuma ser referida também como “Historiografia”. (BARROS, 2011, p. 30).





Deste modo, o objeto de estudo da História sendo a própria História a pesquisa requer de uma rigorosa interpretação e crítica às fontes. Com o auxílio e preservação dos documentos pelos Arquivos Históricos o papel do historiador torna-se amplo e possível a partir da escolha de suas fontes conforme seu problema de pesquisa.

Pode-se compreender a partir da citação abaixo influência do Arquivo no trabalho do historiador:

Concebido como locus interativo entre o pesquisador e o objeto, por meio da revisita e da equiparação das teorias existentes, o arquivo possibilita o progresso e a humanização destas teorias e, ao mesmo tempo, o cultivo do pensar crítico e criativo do pesquisador. Servindo-se, assim, do arquivo, o pesquisador constrói a sua própria produção, para responder ao desafio da socialização do conhecimento (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 58).

Não seria possível realizar uma pesquisa histórica sem a existência dos locais como os Arquivos que realizam a manutenção e conservação dos mais diversos acervos documentais.

#### **Arquivos Históricos: possibilidades e fontes**

O exercício da pesquisa ocorre no Arquivo, mas também pode se dar pelo Arquivo, pois, como instituição, ele pode servir de base para a pesquisa histórica daqueles que desejam investigar e analisar o processo de organização, manutenção e construção do conhecimento desenvolvido por essas entidades.

Deste modo, os Arquivos, como lugares de memória e construção de conhecimento podem ser instrumentos de pesquisa para aqueles historiadores que desejam dedicar-se à interpretação do papel destas unidades em uma comunidade específica, sua importância para preservar a memória e a documentação presente em seu espaço. De acordo com Barros:

A complexidade do “sentido” do arquivo reforça a importância do seu estudo e de práticas de investigação histórica e documental face à necessidade de produção de conteúdo com base nas informações contidas em seus conjuntos documentais. (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 57).

Assim, como parte do processo de constituição do conhecimento histórico, a prática de pesquisa em Arquivos Históricos e sobre estes é, sem dúvida, o alicerce para o desenvolvimento do trabalho do historiador em todos os âmbitos e períodos que este busca compreender o passado.

Para Barros:



Percebe-se, então, que esse status do arquivo não condiz apenas com o testemunho da identidade de uma sociedade e, tampouco, com uma instituição de guarda e preservação dos discursos de um povo. Constituído em base sólida, sua atuação extrapola tais conceituações: ele é gerador de conhecimento. Por isso, ele se impõe como lugar indispensável para o exercício da pesquisa. (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 57).

Algumas das outras possibilidades de pesquisa nestes locais de armazenamento, estudo e construção do conhecimento histórico são, por exemplo, o uso da documentação de seções específicas, como Comissões de Terras, por exemplo, para entender a organização de entidades que agiam, por exemplo, sobre a propriedade da terra.

O estudo de questões relacionadas à propriedade da terra pode evidenciar ao historiador como uma sociedade em um tempo específico se organizava, gerenciava sua produção, a partir do tamanho do lote das propriedades, por exemplo, quais eram os principais agentes que produziam nestes locais e de que forma trabalhavam, observando relações que envolvem modernidade, tecnologias etc. Os pesquisadores que analisam questões relacionadas ao mundo rural, história agrária, podem utilizar destes documentos como fontes em suas pesquisas, tanto os relacionados a companhias públicas de administração de lotes rurais, quanto companhias privadas.

### **Considerações Finais**

Entende-se, assim, na discussão desenvolvida através da leitura dos autores que dissertam sobre a questão teórico-metodológica da pesquisa histórica a importância da formulação de alguns pontos para o desenvolvimento da pesquisa histórica, sendo estes: problema, hipóteses, a criticidade em relação às fontes e um embasamento teórico sobre o que se pesquisa. A partir da teoria histórica pode-se, dentro da temática proposta para a pesquisa, desenvolver os saberes com propriedade, dominando o que se torna necessário para efetivar a pesquisa.

A teoria auxilia na compreensão de conceitos importantes de cada tema de pesquisa. Ao passo, portanto, que se delimita a vertente teórica utiliza-se do problema de pesquisa como intermédio para a análise das fontes, uma forma de filtro que abre caminhos, mas que também podem revelar outros e fazer com que se mude o problema e as hipóteses iniciais de cada estudo no decorrer do processo da pesquisa histórica.

O artigo discute que os resultados só podem surgir se todo o processo de pesquisa for realizado de modo completo e minucioso, com atenção aos detalhes e de forma crítica, principal função potencializada pelo historiador. A criação de hipóteses se torna



necessária durante a leitura das fontes, pois estas devem ser interpretadas e lidas de modo particular.

A partir destas questões, compreende-se que os Arquivos Históricos se tornam, assim, lugares importantes para os historiadores, pois é a partir de seu processo de organização, constituição de um acervo e manutenção dos documentos presentes em seu ambiente que estes podem se tornar as fontes necessárias para a pesquisa histórica.

Outrossim, a fonte de uma pesquisa histórica não precisa estar necessariamente presente na organização dos Arquivos Históricos, pois ela pode ser o próprio Arquivo como instituição, sendo possível uma discussão sobre sua organização, importância em determinada comunidade, assim como o modo com que manipulam seu acervo de documentos sendo importantes patrimônios documentais para a construção da História.

**Data de Submissão:** 10/05/2020

**Data de Aceite:** 16/07/2020



### Referências Bibliográficas

- ARAUJO, Valdei Lopes [et. al.] **A dinâmica do historicismo**: revisando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- BARROS, José D´Assunção. **Teoria da História**. 5 v. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARROS, José D´Assunção. **Teoria da História**. 2 v. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARROS Dirlene Santos; AMÉLIA Dulce. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TransInformação**, Campinas, 21(1): p. 55-61, jan./abr., 2009
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- DURANTI, L. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Revista Estudos Históricos**, v.7, n.13, p.49-64, 1994.
- HARTOG, François. **Evidência da História**. O que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HUMBOLDT, Wilhelm Von. Sobre a Tarefa do Historiador. In: (ORG.), Estevão de Rezende Martins. **A História Pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2015. p. 82-100.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996
- LORIGA, Sabina. O eu do historiador. **História da Historiografia**. Ouro Preto. n 10, p. 247-259, dezembro de 2012.
- REIS, José Carlos. O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. **Revista de Teoria da História**. Ano 3, Número 6, p. 04-26, dezembro de 2011.
- REIS, José Carlos. O conceito de tempo histórico. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 23, n. 73, 1996.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.